

Carência e Resiliência

Um estudo sobre a cultura da falta e a falta de cultura

Elisabeth Leone Gandini Romero ¹ - UAM

Resumo- Este trabalho apresenta uma reflexão sobre Comunicação, Cultura e Moda e inspira-se em três imagens para desenvolvê-lo. Elas têm em comum um recém-nascido, mas o que as diferencia é como cada cultura veste este filhote de homem. Fundamenta-se em autores de diversas áreas do conhecimento, como a Teoria da Cultura, da Imagem, do Corpo, a Etologia, a Antropologia, etc. colocando-os em diálogo e que em uníssono propõem uma nova atitude perante a falta de comunicação e de cultura, a saber, um resgate da afetividade, de ternura, de tato.

Palavras chave: comunicação; cultura; moda; imagem; tato.

A imagem da imagem

Naquele final de tarde, fomos finalmente visitar Duda, recém-nascida numa maternidade de São Paulo². Lá chegando, o bebê estava junto a sua mãe e com muitas visitas no quarto. Para fazer hora, fomos caminhar pelo espaço e visitar a grande atração de uma maternidade contemporânea: o berçário.

Ele ocupa meio andar do edifício, com dezenas de bebês expostos para todos os interessados, famílias ou apenas curiosos. É uma enorme vitrine, emissora de mensagens, pois “vitrines interagem com o espaço urbano de modo a refletir seu estilo de vida, prenunciando comportamentos e modos de ser os sujeitos que pertencem a esse espaço”.³ (Demetresco, 2005:32)

Meu olhar foi seduzido por uma criança colocada em primeiro plano, bem iluminada, como num quadro. Lia-se seu nome em destaque, numa etiqueta posicionada no meio de seu berço, onde se via também seu número e o logo da marca da maternidade. Lá estava Noah!

¹Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutoranda no mesmo programa.

Docente em cursos de especialização em moda da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), do Serviço de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Centro Universitário de Vila Velha.

² Maternidade Pro-Mater, em São Paulo, que em 2006 completa 70 anos.

³ Demetresco, em seu livro *Vitrinas em Diálogos Urbanos* refere-se a vitrines comerciais e na inter-relação com o espaço. Aplico ao berçário o mesmo conceito.

Vestida de branco e azul marinho, seu *look* consistia num conjunto delicadamente estampado, o fundo branco e as estampas em *cashemere* azul marinho. Em baixo do casaquinho, a tradicional camisinha de pagão, mas com uma gola nada tradicional, muito *fashion*, que chamava atenção pelo design, tão diferente, arredondada, atingia todo seu pequeno tórax que por fim, se fosse de renda, lembraria o rufo⁴ ou a gola Médici⁵.

Apesar de tanto destaque, ela chorava desesperadamente. Aquela gola estava toda em cima de seu delicado rosto e, como se aquilo não bastasse, ao querer utilizar as mãos (como fazia antes de nascer no útero de sua mãe) e colocar os dedos em contato com seus lábios, os punhos da linda camisinha, também bordados e extra longos, a impediam deste gesto filogenético⁶.

Diante de tal situação, chamamos a enfermeira responsável, para que aliviasse aquele sofrimento e, imediatamente, ela desfez aquele *look*: a gola desapareceu embaixo do casaquinho e os punhos foram dobrados. Enfim, Noah, por algum tempo, poderia ver-se livre daquela vestimenta, poderia dormir em paz, até a próxima investida de sua cultura.

A sedução foi interrompida. Sim, pois no tocante à moda, “a relação entre *look* e consumidor é de sedução que vai sendo orquestrada, simultaneamente, pela sensibilidade e pelo raciocínio do consumidor, que define o valor do *look* em investimentos de projeções e aspirações sobre ele” (Garcia; Miranda, 2005: 31).

No caso de Noah, projeções de sua mãe inseridas em seu contexto cultural e “usamos até mesmo talhe que não nos assente perfeitamente, pois como sujeitos seduzidos, somos definitivamente manipulados para vestir” (Garcia; Miranda, 2005: 31).

Em busca do destino original (a visita a Duda), percorrendo o corredor, deparo-me com um *banner*, tamanho natural, pendurado na porta de um dos quartos. Era uma foto colorida de uma linda mulher, nos últimos dias de gravidez, a barriga toda à vista e uma criança, de uns 5 anos, beijava seu umbigo. Para completar aquela imagem, homem posicionava-se ao lado. Só depois, com mais

⁴ Rufo é um tipo de gola (muito usada no século XVII) que parece uma enorme roda, em tecido fino (renda ou tela) e engomada, que cresceu muito, usada tanto por homens quanto mulheres. E sobre ela comenta o autor que “lógico que toda esta opulência era sinônimo de prestígio social, visto que o uso desta gola até limitava movimentos mais vigorosos (Braga, 2004:47-48).

⁵ Gola Médici foi a evolução do rufo, só para mulheres, também branca e rendada (Braga, 2004:47).

⁶ Filogênese diz respeito à espécie.

atenção, vi que se tratava da família de Noah, pois seu nome aparecia numa mensagem de boas-vindas.

Como a *madeleine* para Proust⁷, aquelas imagens (a do berçário e a da porta) deflagraram em mim algumas reflexões e sentimentos e lembrei desta frase que diz ser a moda “forma singular de sintonizar idéias e sensações que vão modelando o contemporâneo e neste sentido, ela, em certa medida, pode nos fazer um diagnóstico do mundo em que vivemos” (Preciosa, 2005: 30).

Não tenho a foto de Noah, mas apresento Duda, sua imagem no berçário. Mas todos se parecem, expostos naquela vitrine em frios berços de aço inox, enfileirados, em série, pode ser um “não lugar”, como um supermercado ou um aeroporto, mas em todos “o sistema massificante instituído pelos “não-lugares”, por meio de sua estrutura pretensamente global, acaba criando uma homogeneização que desvaloriza o espaço que se cria” (Rennó: 2006: 52).

Através daquela vitrine, vi aquele pequeno corpo ser um suporte têxtil, ter de suportar uma experiência tátil inadequada, num espaço inadequado, mas o pior é ter encarar o que se esconde atrás deste cenário: o de ser imagem.

Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessidade de visibilidade. E, quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar. Assim, o primeiro sacrifício deste círculo vicioso termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva (Baitello, 2005: 86).

O déficit

Somos seres deficitários, movidos pela “carência”, uma pulsão pela vida que todo ser vivo carrega. Quem desenvolveu o presente tema foi Dieter Wyss, na década de 70, em seu livro *Comunicação com sentido - participação e resposta*⁸. O eixo da comunicação constitui-se de faltas e o suprimento delas é a passagem de uma falta para um preenchimento e de um preenchimento que antecipa uma nova falta.

⁷ Proust, Marcel (1871-1922). Em seu livro *Recherche du Temps perdue* (Em Busca do Tempo perdido) há um episódio de um doce típico, *madeleine*, que mergulhada no chá causou no personagem o despertar, na memória, de uma experiência psicológica.

⁸ Título e trechos do livro traduzidos durante a aula de Norval Baitello Jr., dia 8 de setembro de 2005.

Para Dieter Wyss, toda comunicação nasce desta necessidade de preenchimento, comunicação é amor no sentido amplo, biológico, de suprimento e carência.

Nosso primeiro meio de comunicação é o corpo, todo envolvido de pele, “roupagem contínua e flexível” (Montagu)⁹. A ecografia tornou visível que a partir da 7ª semana de vida, já existe uma comunicação tátil, a seguir auditiva e de todo o aparato sensorial do corpo do feto com o corpo de sua mãe (Cyrulnik¹⁰, 2001: 44).

Ao nascer, como qualquer outro mamífero, o filhote precisa ser amamentado, mas não só de leite, pois somos carentes de afeto. Montagu, na década de 50, perguntou a uma jovem mãe se ia amamentar seu filho e ela respondeu que só animais faziam isso, que nenhuma de suas amigas tinha amamentado. Era a época que 96% das americanas não amamentavam e os pediatras asseguravam que as mamadeiras seriam iguais ou melhores que amamentação.

No século XIX, mais da metade dos bebês morriam durante o 1º ano de vida, de uma doença chamada *marasmus*, palavra grega que significa “definhar”. A doença era conhecida também como atrofia ou debilidade infantil. Na década de 20, nos USA, a taxa de mortalidade para os bebês com menos de um ano, em diversas instituições e orfanatos, era de quase 100%! (Montagu, 1986:104).

Em 1915, Dr Chapin, famoso pediatra de Nova York, em relato sobre diversas instituições espalhadas em dez cidades dos EUA, revelou o dado impressionante que todos os bebês morriam com menos de 2 anos de vida.

Mas, foi Dr. Talbot, de Boston, que introduziu o cuidado terno e amoroso. Durante sua estada na Alemanha, em Dusseldorf, conheceu o diretor de uma clínica onde as crianças não morriam. Partiu em viagem e lá constatou que havia uma senhora que carregava, alternadamente, os bebês. Isso justifica a afirmativa: “O ser humano pode sobreviver a privações sensoriais extremas de outra natureza, como a visual e a sonora, desde que seja mantida a experiência sensorial da pele” (Montagu, 1986: 106).

⁹ Ashley Montagu, médico, anatomista e antropólogo americano da década de 50, conta em seu livro *Tocar- O significado humano da pele*, como foi seu interesse em pesquisar a formação dos vínculos, destacando o sentido do tato e sua importância para a comunicação humana.

¹⁰ Boris Cyrulnik, neurologista, psiquiatra, psicanalista, foi um dos fundadores de Grupo de Etologia Humana, dirige um hospital em Marselha.

A cultura da falta e a falta de cultura

Comunicação e cultura são faces da mesma moeda e ambas nascem de uma carência. Se a comunicação é a construção de vínculos “a cultura é o entorno e a trajetória complexa dos vínculos, suas raízes, suas histórias, seus sonhos e suas demências, seu lastro e sua leveza, sua determinação e sua indeterminação (Baitello, 2005: 8).

A cultura da falta¹¹ origina-se do medo, da “angústia da morte” (Morin, 1970) e os primeiros testemunhos disso são os sepultamentos. Segundo Ivan Bystrina¹², para escapar do vazio que a morte acarreta, o homem cria um outro universo, o simbólico, uma “segunda realidade”. São os textos imaginativos, os mitos, os ritos, etc. para sua sobrevivência psíquica (Bystrina, 1995: 5).

As roupas como vestimentas, ligam o filhote do homem, não só com sua mãe, mas com sua cultura, com suas crenças, com suas imagens. Como cada cultura vai “vestir” seu filhote varia no tempo e no espaço.

A roupa é uma arquitetura têxtil que marca o papel do sujeito na sociedade. Entendido como um conjunto de trajes e acessórios que se articula com o corpo, o vestuário revela as formas que o corpo assume no decorrer da História, definindo estilos de época, que definem modelos de corpo. Por meio do design de moda, pode-se colher o espírito do tempo, os modos de pensar, as relações sociais e tecnológicas” (Castilho; Martins, 2005: 37).

A segunda imagem que apresento é a foto de uma mulher do Togo¹³ que carrega seu filho nas costas, ligados por um tecido. Que espírito temos?

As Mulheres de Bali também usam a canga para sua ligação corporal com seu filho. A criança balinesa é carregada à vontade no quadril, como na maioria das aldeias das planícies, ou numa sacolinha. O corpo da criança ajusta-se por um completo relaxamento aos movimentos do corpo da mãe (Montagu, 1986: 142, 145).

No Círculo Polar Ártico Canadense, as mulheres esquimós carregam os bebês às costas no *attigi* da mãe, espécie de *parka* de pele, de tal modo que a parte

¹¹ Cultura da falta e falta de cultura são conceitos inspirados da obra *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*, de Boris Cyrulnik, 2001.

¹² Ivan Bystrina é um dos teóricos da Semiótica da Cultura.

¹³ Fotografia de Julia Kater que expôs “Mulheres do Togo”, mostra realizada na Caixa cultural de São Paulo (7/04/06 a 14 /05/06).

anterior de seu corpo fica firmemente pressionada de encontro às costas da mãe, logo abaixo das espáduas. O bebê fica numa postura sentada, com as perninhas em volta da cintura da mãe ou um pouco acima, e a cabeça flexionada à direita ou esquerda. Ele usa minúscula fralda de pele de caribu e, afora isso, está em contato com a pele despida da mãe. Quando o bebê está com fome, suga suas costas e então, ela o leva para frente e o amamenta. A proximidade corporal faz com que a mãe também sinta as contrações intestinais, pelo movimento das pernas, e, na maioria das vezes, a mãe consegue antecipar-se. Quando perguntaram a uma mãe como consegue esta proeza, ela indignada respondeu: “como pode uma mãe não perceber isso?” (Montagu, 1986: 283).

Montagu observa que colocar um bebê num berço é destinar a um confinamento solitário o ser mais sociável de todas as criaturas de contato e diz que serve para ilustrar nossa ignorância a respeito dos fatos mais elementares relativos às necessidades dos bebês, em nome do progresso, a abandonar a mais preciosa das práticas, substituindo-as pela pior delas (Montagu, 1988:148).

A terceira e última imagem que utilizo é a de uma tela de De la Tour ¹⁴, representa um recém-nascido no século XVII, vestido como qualquer outro camponês europeu da época, todo enrolado em pedaços de tecido, que imobilizam o pequeno ser, costume que perdurou até meados do século XX, na cultura ocidental. Uma mulher o carrega nos braços e a outra camponesa, à esquerda, segura uma vela de onde emana a luz da cena.

Mas, esta imagem da história da arte contém também uma imagem de culto, para o ocidente cristianizado. É a Virgem Maria com sua mãe Sant’ Ana e o menino Jesus. Para um africano é uma imagem de um recém-nascido e duas mulheres.

Na cultura da falta, quando algo não ia bem na vida real, podíamos recorrer à segunda realidade, às imagens, elas nos ajudariam a tomar providências. Mas “nossos progressos fizeram-nos passar da cultura da falta até à cultura do preconceito”, (Cyrulnik, 2001:38), seria então a cultura da falta.

Como em cultura não há a morte, o foco da reverência recai sobre a ciência e convertidas em fonte inesgotável de maravilhas, de novas fantasias e de novos “fantasmas”. Que se parecem muito com os antigos. A única diferença de fundo é

¹⁴ Georges De La Tour , 1593-1652. *Le nouveau - né* (O recém-nascido), 0,76x 0,91, óleo s/tela. Museu do Louvre.

que hoje mais que sonhar, o que fazemos é consumir os sonhos que nos fabricam os diretores deste imenso show que chamam informação” (Barbero, 2002:94).

A falta de cultura trabalha com a informação (in-forma, tudo igual), com os produtos, com o funcionalismo, com a técnica, o individualismo e “o vínculo superficial torna-se um valor adaptativo a uma cultura técnica” (Cyrulnik, 2001: 115).

Mas tem cura! Boris Cyrulnik, dentre os autores, ao mesmo tempo que aponta a falta de cultura trabalha com o conceito de resiliência¹⁵, não como um catálogo de qualidades, mas como um processo.

Resiliência

O termo resiliência também é hoje aplicado na indústria têxtil, há tecidos com memória, “guarda as marcas do último movimento do usuário” (Chataignier, 2006: 117).

Qualquer acontecimento ocorre primeiro no corpo biológico, mas juntos estão o afetivo (comunicação e vínculos) e seu histórico (cultural). A resiliência só não é possível sem vínculo e sem história, ou seja, sem comunicação e cultura. Marlyn Monroe “jamais pôde encontrar vínculo e sentido”, as duas palavras que permitem a resiliência. Ninguém que a fizesse vincular-se à vida. “Sem vínculo e sem história como poderíamos nos tornar nós mesmos?” (Cyrulnik, 2005: 5).

A resposta pode ser ouvida do outro lado do continente, pelo também psiquiatra Luis Carlos Restrepo em seu pequeno livro, *El derecho a la ternura* (O direito à ternura). O autor nele escreve que sofremos de uma terrível deformação, que nos levou a um nível nunca conhecido de “analfabetismo afetivo” e “uma redefinição ecológica da cultura” deve passar por uma recuperação da sensibilidade (Restrepo, 1994: 145).

Nessa cultura passiva, há pouca chance de ação, pois nos tornamos meros espectadores, consumidores consumidos. Deixamos a ação por conta dos meios de informação, mas com todas as nossas carências, nem a TV, nem o computador, enquanto suportes, poderão nos suportar. Não vai adiantar “terceirizar” a responsabilidade nos processos de vinculação, como acontece com o do vínculo maternal, que precocemente deve ser substituído.

¹⁵ Resiliência é um processo que permite retomar algum tipo de desenvolvimento, apesar de um traumatismo e em circunstâncias adversas. (Cyrulnik, 2005: 4).

Com pesquisadores e educadores, de nada serve o conhecimento se não conseguirmos aplicar no cotidiano e propor e ter uma vida melhor. De que serve um tecido ter memória, tecido inteligente, se seu portador está engessado?

Não são os grandes projetos, mas uma pequena revolução na rotina diária, o espaço de uma mão estendida, pois “entre otras cosas, porque tratando-se de la ternura, no tiene sentido pretender ir más allá del cuerpo”¹⁶(Restrepo, 1994:189).

Bibliografia

- BAITELLO JR., Norval . *A era da iconofagia*. São Paulo. Hacker. 2005.
- BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. Pré-Print. Trad. Norval Baitello e Sonia Castino. São Paulo: PUC-SP, 1995.
- BRAGA, João. *História da Moda: uma narrativa*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- CYRULNIK, Boris. *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- _____. *Resiliência- Essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. *O Homem, a Ciência e a Sociedade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- _____. *L'Enfermement du monde*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997.
- _____. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática, 1995.
- CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo. *Discursos da Moda semiótica, design e Corpo*. São Paulo: Editora Anhembi, 2005.
- DEMETRESCO, Sylvia. *Vitrinas em diálogos urbanos*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- EIBESFELDT, Eibl. *El hombre preprogramado – lo hereditario como fator determinante em el comportamiento humano*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- GARCIA CAROL; MIRANDA Ana Paula. *Moda é Comunicação*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2005). *Ofício de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago: Fondo de Cultura Económica.
- MORIN, Edgar. *L'Homme et la Mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- PRECIOSA, Rosane. *Produção Estética*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- RENNÒ, Raquel. *Do mármore ao vidro: mercados públicos e supermercados, curva e reta sobre a cidade*. São Paulo: Anablume, 2006.
- RESTREPO, Luis Carlos. *El derecho a la ternura*. Barcelona: Ediciones Península, 1997.

¹⁶ “Entre outras coisas, porque tratando-se do corpo, não tem sentido ir além do corpo” (tradução da autora).

